

Paulo Chagas de Souza (USP) – Participípios atemáticos no PB: um processo paradigmático

Os participípios passados do PB são regularmente formados com base no radical temático seguido pelo morfema {-d-} e o morfema de gênero. O morfema de plural pode também ser acrescentado no final. Os verbos amar, querer e sentir, por exemplo, têm os participípios: amado, querido (com alternância na vogal temática) e sentido.

Esse não é o único esquema possível para a formação de participípios. Há um número considerável de verbos que formam participípios sem vogal temática nem o morfema participial -d-. Um exemplo disso é o verbo aceitar, que tem o participípio aceito, além do regular aceitado. Esse tipo ainda pode ser considerado irregular, mas tem se difundido, principalmente no PB falado coloquial.

O PB também tem a tendência extremamente comum entre as línguas de regularizar os verbos irregulares. Assim, participípios irregulares como escrito de escrever podem aparecer ocasionalmente como escrito. Por outro lado, no entanto, alguns participípios regulares apresentam a tendência oposta de ocorrer num padrão irregular. Por exemplo, um verbo como chegar, que tem o participípio regular chegado, ocorre de vez em quando na forma chego, que é uma forma sincrética. Essa forma é o foco desta comunicação.

Uma característica surpreendente desse sincretismo é que provavelmente ele deve ser analisado como um caso de sincretismo direcional em que o participípio passado espelha a primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo. Trata-se, portanto, de um exemplo da situação mencionada em Baerman (2005, 823), em que o sincretismo é “clearly systematic and that involve[s] morphosyntactic values so remote from each other that any account in terms of natural classes would void the notion of any explanatory value.” Uma análise baseada em subespecificação e defaults seria portanto provavelmente inviável.

Um fator diacrônico importante no aparecimento desse tipo de sincretismo é o fato de que os participípios têm um estatuto complexo. Eles fazem parte de paradigmas verbais mas são também adjetivos. Isso lhes possibilita ter uma existência semi-independente. Alguns verbos podem cair em desuso e seus participípios sobreviverem mesmo assim, quer como participípios quer como adjetivos. É importante se dar conta de que isso é bem menos comum ou até mesmo extremamente incomum com outras formas verbais.

Esta comunicação acompanha os desenvolvimentos diacrônicos que deram origem a esse número aparentemente crescente de participípios do PB. Em última análise, as raízes diacrônicas do processo estão em propriedades morfômicas da flexão e da derivação latinas (Aronoff 1994).

Uma associação morfômica regular entre formas relacionadas derivacionalmente deu origem a uma identidade acidental dentro de um paradigma flexional, que foi depois reinterpretada como sistemática e vem se estendendo gradualmente. Mais uma vez, como Baerman (2005) afirma, um indicador de sistematicidade é a extensão diacrônica de um padrão sincrético. Nesta comunicação demonstrarei que esse processo é o resultado não de uma homofonia fonológica acidental que foi reinterpretada como sistematicamente morfológica, mas sim que todas as fases que levaram a essa situação foram determinadas morfológicamente em toda sua história.

Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS) – Participípios em PB: distribuição sintática, classe mórfica e propriedades flexionais

Como se sabe, participípios são formas cuja classe morfossintática é particularmente difícil de determinar. Desde de Stowell (1981), as análises dos participípios têm defendido, de um modo ou de outro, que: (a) participípios passados são verbos; (b) participípios adjetivais são adjetivos; e (c) participípios passivos são algum categoria que “neutraliza” a distinção entre verbos e adjetivos. Invariavelmente, recorre-se a algum tipo de teoria das categorias morfossintáticas do léxico, como a clássica teoria

proposta por Chomsky (1970), baseada nos traços $[\pm V, \pm N]$. Neste trabalho, pretendo explorar algumas das propriedades semânticas, sintáticas e flexionais associadas às seguintes construções participiais:

(a) como particípio passado: *A carta tinha me chegado às mãos antes de...*

(b) como particípio absoluto: *(*Me) Chegada a carta às minhas mãos, ...*

(c) como particípio passivo: *O livro (me) foi (??me) entregue pelo Paulo.*

(d) como particípio adjetivo: *O acesso (?te/me) esteve (*te/me) liberado por duas horas.*

Nos exemplos acima, mostro uma das propriedades que pretendo discutir – a de o particípio poder ou não ser acompanhado de um pronome clítico. Como procurarei mostrar, as diferenças entre as quatro construções são “cruzadas”, o que sugere que tentar explicar as propriedades em termos de uma teoria independente das “classes (morfos)sintáticas” é equivocado. Antes, trata-se de construções cujas correlações são melhor expressas por referência direta às suas propriedades semânticas, de estrutura de argumentos, flexionais e sintáticas dos particípios. Portanto, sugerirei que não há noção alguma de “categoria (morfos)sintática” definida por elementos independentes daquelas propriedades.

[Crie um website ou blog gratuito no WordPress.com.](https://colociodemorfolgia.wordpress.com/resumos/)